

A fazer

DIÁRIO DE NOTÍCIAS Sexta-feira, 17 de Março de 2017 29

FESTIVAL

“Os livros ainda assustam”

VALTER HUGO MÃE E SANDRA NOBRE ESTIVERAM EM MACHICO A FALAR DE LIBERDADE

PAULA HENRIQUES
phenriques@dnnoticias.pt

“Perante um mundo destes, em que temos ‘A Casa dos Segredos’, onde se fala com palavras como se fossem vírgulas, virem dizer que há um livro sobre um moço que quer ser santo e que passa o livro inteiro a rezar, virem dizer que é um livro assim que pode perverter a juventude porque tem três palavras na página 81 (...), só prova que no meio da parafarmácia toda que é a comunicação hoje, a realidade hoje, os livros ainda assustam as pessoas. Só prova que o livro ainda é importante e ainda suscita nas pessoas a ideia de que verdadeiramente o livro pode influir e pode mudar alguma coisa”, afirmou ontem Valter Hugo Mãe, palavras seguidas de uma salva de palmas das dezenas de jovens e adultos presentes no Forum Machico. O escritor saiu em defesa de ‘O nosso reino’ quando a polémica em torno da obra foi tocada. Foi no âmbito do Festival Literário da Madeira. Inicialmente com Valter Hugo Mãe e Marcelino Freire, a iniciativa acompanhada por algumas turmas do concelho acabou por contar com Sandra Nobre em substituição do segundo, numa conversa moderada por Sónia Silva Franco.

A polémica prende-se com uma das obras de Valter que constam do Plano Nacional de Leitura e que foi retirada da lista do 3.º ciclo para ser colocada na do ensino secundário devido à linguagem usada, considerada por alguns pais de uma escola inadequada.

A conversa foi muito mais abrangente e teve outros momentos de aplausos, nomeadamente quando o escritor defendeu que cada sala de aula devia ter uma estante com livros. Já a liberdade foi central e serviu de fio condutor, ou não fosse ‘A nossa liberdade começa onde podemos impedir a do outro’ o mote para a conversa, com os convidados a se demarcarem da frase de Millôr Fernandes.

Valter Hugo Mãe acredita que a liberdade não pode ser proibitiva. “Não gosto de dizer que a minha liberdade começa quando impeço a liberdade do outro. Acho que esta coisa de impedir alguma coisa aos outros é castradora, não é a chave. A liberdade é exactamente alguma coisa que não impeça nada de nin-



Sónia Silva Franco, à esquerda, moderou a conversa com Sandra Nobre e Valter Hugo Mãe. FOTOS ASPRESS E DR

guém.” A pura liberdade só aconteceria se houvesse um estado de graça contínuo, afirmou este escritor, um artista com muitos outros ofícios, “ansioso por curar o mundo”. Na perspectiva de Sandra Nobre, a liberdade é um conceito relativo e pode passar, para esta jornalista, por estar cinco dias sem se ligar ao mundo dentro do quarto de um hotel,

como pelo exercício da escrita. “Cada um constrói a sua própria liberdade”, afirmou, explicando que se pode ser livre dentro de quatro paredes e prisioneiro num país, como no Butão.

Há duas formas de ganhar a liberdade, disse Valter Hugo Mãe: ter tanto dinheiro que não depende de ninguém, ou depender de tantas

pessoas, que a dependência perde-se. Ele, enquanto escritor, está nesta segunda: “A minha relação com eles dilui-se de tal maneira que eu acabo por sentir que talvez tenha um pouco mais de liberdade do que têm as outras pessoas. Isto significa o quê? Que eventualmente possa ser mais crítico, que possa dizer o que verdadeiramente penso.”

Com vários momentos de humor, de episódios da vida pessoal e de alguma viagem, a conversa passou também pela solidão do processo de escrita, comum aos dois. Sandra tem um projecto de livros personalizados em que escreve para uma pessoa, em que tem de vestir a camisola dela para que aquele livro seja a sua verdade. “Os meus amigos, quando eu desapareço dos cafezinhos e dos programas, eles dizem ‘lá está ela outra vez a viver a vida dos outros’”, contou com um sorriso. A maioria são dramas, histórias sofridas. Explica que não consegue viver uma “vidinha fútil de cafés” enquanto está a escrever estas obras.

Valter também fala de um processo solitário. “Não é possível escrever com alguém manifestamente ao nosso lado”. Na literatura, acrescentou, acontece alguma coisa de insondável que surpreende o próprio escritor. “Estamos diante de uma surpresa contínua, não dá para dividir”.

Segundo este Prémio José Saramago - entre vários outros -, aquilo que as pessoas lêem no livro é muito diferente, da experiência vivida por quem o escreve. Fala do estranho fascínio da escrita que os condensa a solidão, em última análise.

Nesta conversa a três, estendida a várias dezenas, Herberto Helder foi recordado, com Valter Hugo Mãe a referir a importância do poeta madeirense no seu percurso. “É para mim o maior poeta de todos os tempos. Descobri quando tinha 16 e não o entendia. E mesmo sem o entender, eu tive imediatamente a percepção que ele seria fundamental na minha vida”, confessou.

Convidado a falar sobre formas de incentivar para os livros, defendeu que não pode passar pela tirania, mesmo que da qualidade. A padronização, acredita, tem efeitos contrários, e o sucesso passa por encontrar os livros certos para cada pessoa, em particular para quem começa a ler. “Padecemos um bocadinho de uma tentação para a padronização. E a primeira coisa que é fundamental fazer para que alguém não desanime em relação à leitura, é não obrigá-la a ler uma coisa que pela sua natureza pregue uma seca”. Os livros, diz, têm de estar perto das pessoas, a única forma de descobrir a maravilha que eles podem ser, e defende mesmo uma estante com eles em cada sala de aula. Diz também que é preciso encontrar o livro para cada pessoa. “Não tem dividas de que há um para cada ser humano.

Sandra Nobre, por seu lado, acredita que o incentivo para a leitura está essencialmente dentro de cada um e que passa depois por encontrar uma motivação, um autor ou um tema que convide a se apaixonar.

Entre histórias pessoais, momentos de escrita e influências, a conversa alongou-se por mais de uma hora, com Valter a passar também pela música e pelo desporto. “Faço uns bonequinhos, canto um bocadinho mal. A única coisa que faço mesmo de jeito é escrever”, disse, soltando um sorriso dos presentes.

Além de escreverem, os dois convidados mostraram que também são bons para dois dedos - melhor seriam horas - de conversa.

TERESA SALGUEIRO EM PALCO



Teresa Salgueiro apresenta-se esta noite no primeiro de dois concertos integrados no Festival Literário, um espectáculo a partir do seu novo disco ‘O Horizonte’, para acompanhar no Teatro Municipal Baltazar Dias. A actuação tem início pelas 21 horas e repete-se amanhã, à mesma hora, no mesmo espaço.

Ontem a meio da tarde, a sala ainda não estava esgotada, mas já só havia lugares na fila da frente e nos camarotes, o mesmo acontecendo para o

concerto de amanhã. Os bilhetes custam 20 euros.

A cantora, ex-vocalista dos Madredeus, assume neste disco um papel de compositora também e autora das letras. O espectáculo junta não apenas temas de ‘O Horizonte’, lançado em 2016, como também temas da música portuguesa e alguns da sua antiga formação.

Na sua banda, de destacar a presença do guitarrista madeirense Graciano Caldeira.



EXTERMINIO
Reconhecidos e certificados pela
CEPA
291 930 500
WWW.EXTERMINIO.PT